

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467

MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

Orientação dos pais para uma melhor Educação dos filhos

Para que uma reforma do sistema educacional seja perfeita e eficiente, torna-se absolutamente indispensável levar os pais a prestar-lhe a sua colaboração, dado que o espaço de tempo em que a criança convive com eles, além da familiarização inevitável, é muitíssimo mais longo e constante do que aquele em que permanece na escola sob a acção educativa do mestre; mas para que a colaboração dos pais resulte perfeita e construtiva ou, pelo menos, produtiva, ou até mesmo para evitar que a acção deles seja destruidora e obstrucionista em relação ao trabalho da educação efectuada na escola, é necessário que assistam a cursos elucidativos e orientadores, tanto quanto possível sistemáticos, nos quais se lhes faça ver quanto a sua contribuição positiva e esclarecida é altamente útil e necessária para uma educação consciente e prática dos seus filhos e onde paralelamente se lhes indique como deve ser prestada essa colaboração e em que concreto sentido deve ser dirigida.

Nesses cursos, que poderiam ser constituídos por conferências, projecções de filmes educativos e explicativos e visitas periódicas às aulas, além de quaisquer outras iniciativas que fossem de oportuna realização, como, por exemplo, resoluções de problemas de interesse comum e de carácter regional para a consecução das quais colaborariam todos: pais, filhos e educadores; nestes cursos, dizíamos nós, se lhes explicaria e demonstraria a indispensabilidade de uma criteriosa educação, apoiada pela orientação valorizada dos sistemas educacionais modernos e pelas conquistas técnicas postas à nossa disposição nesta época, já tão evoluída, da nossa civilização.

Evidentemente que existe (infelizmente em maior número do que seria para desejar) uma espécie de pessoas tremendamente incultas cuja cooperação se torna absolutamente impossível. Neste caso, teríamos que seguir o velho método de não nos preocuparmos com os pais, muito embora se pudesse e devesse tentar educá-los, mas, em contra-

partida, aumentar-se-ia em profundidade e tempo a assistência prestada aos filhos e, sempre que possível, ir-se-ia para o campo das escolas internas e com elas se

Por
José dos Santos Marques

prestaria um alto serviço à Nação, angariando-lhe cidadãos úteis e conscientes dos seus deveres, em lugar dos párias e vadios que, na maioria dos casos, tais indivíduos representam: verdadeiro flagelo para a marcha constante e evolutiva da sociedade. Não queremos, evidentemente, tirar do exposto a conclusão de que todas as pessoas sem educação são vadios, mas o que segura-

mente podemos afirmar é que nenhum vadio tem educação e que, na maioria dos casos, representam inadaptados ao meio, venham eles de que meio social vierem.

Para os pais tremendamente incultos destas crianças torna-se necessária uma vasta acção social estruturalmente revolucionária (nos métodos) e moralizadora, mas isto é assunto demasiado vasto e transcendente que vai além do puro campo educacional em que nos queremos manter, embora reconhecamos a sua alta importância e flagrante actualidade e saibamos bem não ser possível solucionar o problema educacional, sem cuidar do social a pesar da sua interdependência e proporcionando a todos, sem

(Continua na página 4)

Portugal Pitoresco ALMEIRIM

Mesmo que que sejas velhinha
Teu encanto é sempre novo;
A vida em ti não deflnha,
Nem morre a fé do teu povo!

(do Fado de Almeirim)

É interessante confrontar, nesta vila retintamente ribatejana, a sua parte antiga com a moderna.

Assim se verifica o que tem sido nos últimos anos a sua marcha progressiva.

Na gravura que hoje publicamos, com a Igreja do Espírito Santo ao fundo, observa-se um dos aspectos da Almeirim antiga e também pitoresca.

(Continua na página 5)



Trajos da mulher de Almeirim

Crónicas Irrequietas - 37

Os amigos dos diabos

POR ÁLVARO VALENTE

«A nossa vida devia ser uma festa entre amigos. Cultivai, pois, o génio da Amizade: Prestai-lhe culto, porque a Amizade é doce, bela e sagrada. A simpatia da verdadeira Amizade é o único dom certo que possuímos neste mundo de duvidoso valor.»

— Assim se expressava Epicuro, — o filósofo incompreendido, o fundador do Jardim Académico de Atenas e da sua caluniada Escola Filosófica.

Efectivamente, assim devia ser.

Três dias que por aqui andamos, — um para nascer, outro para viver e outro para morrer —, era bem melhor que os passássemos em convívio de amigos, sem ódios nem malquerenças.

O Homem, porém, resolveu enveredar por caminhos opostos e transformou a Vida Humana neste inferno candente.

O que é hoje a Amizade?
Uma quantidade negativa!
A menor conveniência

pessoal consegue apagá-la, reduzi-la a cinzas.

Ainda o que se salva nesta derrocada, são os velhos amigos, os amigos doutros e de sempre, aqueles para quem a Amizade foi e é um verdadeiro evangelho.

Quanto aos de agora...

Os de agora são os tais «amigos do diabo», que armam as carrapatas e as intrighadas, que seguem à risca a doutrina: «muito tens, muito vales, nada tens, nada vales», — os tais que Castilho denominava «amigos do meu»

Isto significa que, enquanto sentem metal na algibeira do próximo, se desfazem, se esfumam em blandícias e protestos duma dedicação sem limites, muito colados, muito emplastos; e que, quando já o não sentem, se afastam ligeiros e com sapatos de trança, sem olhar para trás.

Há também os das safardanices, que enjoam e agoniavam, que andam tempos e

(Continua na página 4)

Mais além...

Já há muito que a Espanha esperava, e, com verdadeira justiça, a atribuição a um dos seus escritores, dum Prémio Nobel de Literatura.

Este ano, Juan Ramon Jiménez, um dos maiores líricos contemporâneos, e filho da risonha Andaluzia, recebeu a devida recompensa ao ser-lhe concedido o NOBEL de 1956, grata homenagem a um valor tão altamente espiritual, tão puramente artístico.

Verdadeiro «caminheiro de estrelas», «peregrino do Amor», da Singeleza e do Sonho, Jiménez transporta a quem o lê, com a sua «sencillez», com os seus poemas tão puros e tão cristalinos, como pura e cristalina é a sua alma boa e iluminada, a um Mundo maravilhoso, um mundo bom como nós sonhamos, feito de aroma ou de nuvem.

É contagiante a sua Poesia, abranda os ânimos, torna-nos serenos e reconfortados, faz-nos Céu, sendo nós Terra.

— Quem, a não ser Jiménez,

conseguiria extrair dum burro, tanta poesia e tanta simplicidade, uma alma como aquela que ele lhe imprimiu? — Pois, se percorrer

nez, conseguiria extrair dum burro, tanta poesia e tanta simplicidade, uma alma como aquela que ele lhe imprimiu? — Pois, se percorrer

mos «Platero y yo», obra máxima do Poeta, veremos como um burrinho simpático como Platero, originou um autêntico conto de Primavera, e se nos apresenta ao mesmo tempo intelectual, amigo do velho e do rapaz, e tem alma de Poeta também, quando brinca com as mariposas, quando cheira as flores, quando permanece reflexivo, paciente, melancólico e amável, enfim, um autêntico «Marco Aurélio dos prados»...

— Está de parabéns a Poesia! — E é bom que assim seja. A verdade das coisas presentes, não se nos afigura senão o pressentimento e o aviso de abismos e infernos terríveis. Confiemos, por-

(Continua na página 4)

Por
ANTÓNIO GARCIA

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTARIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 4864

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Armonda Lagos

Parteira-Enfermeira
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 026038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Organizações

Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do
desporto e a favor do desporto.
Produção associada de: Fern-
ando de Sousa, Fernando de
Lacerda e Verissimo Alves.
Brevemente novos progra-
mas e novas rubricas. Para
a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º
LISBOA

Fotofilme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos fotográficos
Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

MONTIJO

Concelhos Ribeirinhos

da margem sul do Tejo

V

O facto, derivou, acaso, da denominação, pela qual, primitivamente, foi conhecido aquele grémio municipal.

Surpreendamos Gama Barros, ao declarar no vol. V (2.ª edição), da sua monumental «História da Administração Pública», que ignorava a localização de um concelho, que, nas suas investigações, se lhe deparara com a denominação de «Concelho de Ribatejo», concelho constituído por vinhedos e salinas, onde fora elaborada uma postura, confirmada, ao que diziam, por D. Afonso IV e pelo seu sucessor, proibitiva de meter nele vinhos de fora, para vender ou embarcar, «sob pena de serem arrombadas as vazilhas e de se pagar a multa de dez libras para o cofre municipal».

Acudiu a esclarecer o caso da localização do tal «Concelho do Ribatejo», em nota final n.º XXXIX à pág. 137 do citado volume, o ilustre professor universitário, Doutor Torquato Soares, transcrevendo um trecho do Dr. Ruy de Azevedo, publicado na «História da Expansão Portuguesa no Mundo» (tomo I, pág. 62, nota I).

«Este concelho de Ribatejo constitui — diz o Dr. Ruy de Azevedo — o conjunto de minúsculas póvoas ribeirinhas da orla transtagana em poder dos Espatários, póvoas essas formadas em grande parte para exploração de salinas, desde o segundo quartel do século XIII, tais como: Montijo (1249), Samouco e Lançada (1241), Sarilhos (1304), Aldea d'Alcochete (1313), Aldea Gualega (herdade de Fernão Galega, 1306) e outras. Todas elas tinham por sede paroquial Sabonha (Sabona, 1249) outro lugar situado numa pequena eminência entre Alcochete e Aldea Galega. O conjunto desses lugares formava no final do século XIII um grémio municipal rudimentar — o concelho de Ribatejo — com juiz, tabelião e outros funcionários privativos.

A existência do termo Ribatejo, com o sentido regional — explica o mesmo historiador — deve-se à necessidade de adopção de um

termo genérico para abranger os referidos lugares da margem sul do Tejo, que constituíam uma unidade própria; o seu desaparecimento foi motivado pela situação

Por

João Luís da Cruz

hegemónica alcançada posteriormente por dois desses lugares (Aldea Galega e Alcochete), cujos nomes vieram, assim, a absorvê-lo.

Absolutamente exacto o que não fora dado a Gama Barros identificar, porventura esquecido de que, na península da Arrábida, que ele tanto amava — pois viveu muitos anos em Azeitão — havia uma parte ribatejana, onde seria possível a exis-

tência desse concelho de Ribatejo.

Desse mesmo concelho, com outra denominação mais explícita, deu-nos a descrição que segue o licenciado António Machado da Silva, juiz das comendas da mesa mestrada da Ordem de Santiago, por Filipe II, de organizar o tomo dos bens de que a dita Ordem era directa senhoria em Alhos Vedros, Aldea-Galega e Alcochete:

«... a Matrix desta villa (Alcochete), e da villa de Aldeagallega era nossa Senhora de Sabonha que estava no meyo do caminho entre Alcochete, e Aldeagallega onde hoje está hum mosteiro de frades da ordem de Sam Francisco recolectos.

(Continua)

A função local dum semanário

V

Continuamos a nossa missão de educar.

Ela faz parte também da função e é essencialmente proveitosa para o progresso cultural da localidade. Já o temos escrito e repetimos:

O progresso dum localidade não pode restringir-se ao seu lado material. É preciso que a cultura o acompanhe, sob pena de originar uma disparidade que desprestigia. Essa cultura deve partir de todos os seus habitantes, principalmente daqueles que têm responsabilidades morais e dos que pretendem arrogar-se como mentores intelectuais de certos meios.

Faz parte dessa cultura a obrigação bairrista de ocultar, diminuir, esparecer as faltas e os próprios defeitos da localidade.

Não há ninguém que não tenha defeitos, como não há nenhuma terra que não possua e não sinta faltas.

A perfeição é um mito.

O que há a fazer, é melhorar, remediar, salvar, muitas vezes, as aparências.

Um semanário como «A Província» não se criou, portanto, para andar propositadamente às turras com este e com aquele, para andar à rebusca, de casos de *lana caprina*, para atingir seja quem for.

Pelo contrário. O seu dever é limar arestas, desfazer atritos, e colocar acima das questões pessoais os problemas

que interessam a toda a comunidade.

Baralhar, intrigar, concorrer para a desagregação dos elementos mais valiosos e úteis seria trair essa missão sagrada, seria atraiçoar as nobres e dignas facetas da função espiritual que lhe pertence.

Vejamos como se julgam, em certos casos e algumas vezes, essas facetas:

Uns imaginam que o semanário deve ter conhecimento de tudo quanto se passa, bom ou mau, e de tudo dar notícia. Ora acontece que não temos jornalistas, como os grandes órgãos da imprensa diária, para percorrerem a toda a hora os principais centros de informação e, portanto, é muito natural que ignoremos, uma ou outra vez, alguns pormenores da vida local.

No entanto, também nos não agradam boatos, «coisas apanhadas no ar», atoardas, comentários, vagos e anónimos que apenas servem para induzir em erro os leitores. Por isso, preferimos as notícias certas, exactas, que não enganem ninguém.

Outros alegam que o jornal não trata disto e daquilo, de casos importantes que eles muito bem conhecem, e daí tiram conclusões aceradas e, porventura, ofensivas.

Ora para estes o remédio é muito simples e está-lhes nas mãos: — Escrevem o que pretendem, — mas em termos correctos e aceitáveis —, põem a respectiva assinatura no fim e remetem os seus escritos para a redacção.

Desde já declaramos que, não se tratando de mentiras, de verrinas, de escândalos, nos comprometemos a publicá-los.

Lá para mentiras, verrinas e escândalos é que não contem connosco, como não contem connosco para questões individuais.

E desta maneira, a função dum semanário local ficará sempre dignificada e concorrerá, como é seu intento e directriz, para o progresso cultural da localidade.

Publicações

que merecem
referência
especial

— Boletim da Comissão Pró «Casa da Criança de Montijo».

Recebemos o N.º 3 — ano III — série II, desta prestímosa publicação, a qual nos dá sempre muito prazer e desperta o maior interesse.

O presente número, cujo sumário é excelente, além de aumentar a nossa convicção de que a iniciativa vai em decidida marcha para a realidade, trouxe-nos preciosa colaboração sobre puericultura e missão dos infantários, como lições da maior projecção e luz.

Digna de registo a persistência da Comissão na luta pelos seus ideais, sempre a favor da Criança e da manifesta utilidade da Casa que projecta.

«A Província» continua oferecendo a sua solidariedade e faz ardentes votos pela rápida resolução dos óbices que possam surgir.

Cumprimentos afectuosos e agradecimentos pelo exemplar que recebemos.

— A Voz de Alcochete —

Muito nos apraz registar nas colunas do nosso semanário o agradecimento de que nos achamos devedores para com aquele confrade, pelas palavras afectuosas que nos dirige no seu n.º 101 de Novembro passado.

Em tudo quanto nos referimos a Alcochete e às suas justas aspirações, mais não fizemos do que expressar a nossa simpatia pela vizinha vila e por toda a sua população.

Entendemos até que é já tempo de as duas terras, — Montijo e Alcochete —, mais se aproximarem e melhor se compreenderem, como é próprio e natural de duas vilas ribeirinhas onde o Trabalho impera e o Ribatejo tem suas características idênticas.

A nossa gratidão para com A Voz de Alcochete e a expressão sincera dos nossos amistosos sentimentos de muita fraternidade.

Dr. Perpétua de Vilhena

CLÍNICA DE BOCA E DENTES

Consultas às: 3.ªs, 5.ªs, e Sábados.

— Preços de Policlínica —

Rua Ivens, 26 - 1.º
Telef. 25626 — LISBOA

António José de Sousa

Negociante de Mariscos

As melhores Conquilhas do Algarve

Conceição de Tavira

Telefone 6

APROXIMA-SE O NATAL!

Nesta quadra festiva V. Ex.ª necessita de obsequiar os seus amigos e Familiares.

Não esqueça de visitar a **REPAL**, casa especializada em artigos para brindes

A REPAL PRIMA PELO BOM GOSTO!

PRAÇA GOMES FREIRE DE ANDRADE, 22 — TELEF. 026 378
Junta ao Mercado Municipal em construção

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— No dia 3, o sr. Francisco Manhoso Iça, nosso estimado assinante.

— Dia 6, o sr. Silvano Saraiva, nosso dedicado assinante, completou os seus 53 anos.

— No dia 6, completou 27 anos a sr. D. Maria Elvira Sacoto dos Santos Mendes, filha do nosso prezado assinante sr. Carlos do Santos.

— No dia 7, o sr. Joaquim Vintém Lopes, nosso dedicado assinante.

— No dia 8, o sr. Manuel António Caseiro Leonardo dos Santos, nosso prezado assinante e amigo.

— No dia 9 completou 7 anos a menina Lizabet da Costa Saraiva, filha do nosso estimado assinante sr. Antócio Paulo Saraiva.

— No dia 10, completou 4 anos o menino Carlos Carvalheira Saraiva, filho do nosso prezado assinante sr. Carlos Paulo Saraiva.

— No dia 12, a menina Gina do Carmo Ferreira, filha do nosso dedicado assinante sr. Manuel Beatriz Júnior, residentes em Tetuan-Marrucos Espanhol.

— No dia 14, o sr. José Joaquim Mota Caria, nosso dedicado e apreciado colaborador.

— No dia 14, completa 50 anos o sr. João da Costa, — Mecânico — nosso prezado assinante, residente presentemente na Holanda.

— No dia 14, completa 7 anos a menina Celeste Cavaco Gonçalves, filha do nosso estimado assinante sr. Firmino R. Gonçalves.

— No dia 16, a menina Eugénia Marina Cabrita Travelho, filha do nosso estimado assinante sr. José Maria Travelho, completa 7 anos.

— No dia 17, o sr. César Carreira da Silva, marido da nossa dedicada assinante sr.ª D. Joana Vicente da Silva.

— No dia 18, a menina Maria Natália Beatriz Gregório, filha do nosso estimado assinante sr. Joaquim de Sousa Gregório.

— No dia 19, completa 8 anos a menina Maria Clementina Cavaco Gonçalves, filha do nosso dedicado assinante sr. Firmino R. Gonçalves.

Casamento

No passado dia 8, pelas 11,30, realizou-se no Registo Civil do Calhariz, em Lisboa, o enlace matrimonial do Sr. Carlos Tavares Ramos Carreira, comerciante, filho de Carlos Ramos Carreira e de Joaquina Tavares Carreira, naturais de Montijo, com a gentil menina Maria Manuela Baldrico, filha de Manuel Baldrico e de Maria Baldrico, já falecidos, também naturais que foram de Montijo.

Apadrinharam o acto por parte do noivo: o Sr. João Narciso Ferra Junior, comerciante em Montijo, e a Sr.ª D. Izaura Ferra Coelho; e por parte da noiva, o Sr. Joaquim Manuel Tavares Carreira e a Sr.ª D. Herminia Baldrico Tavares.

Depois da cerimónia houve um «copo de água», servido no Automóvel Clube de Portugal.

Ao novo casal os nossos parabéns.

Visita

Deu-nos o prazer e a honra de sua visita o nosso prezado assinante, sr. Estêvão Pio Nunes, comerciante em Alcochete e digníssimo Comandante dos B. V. daquela ridente vila.

Agradecemos, muito reconhecidos, a honra e a satisfação que nos deu com sua vinda a esta sua casa.

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luis Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

MONTIJO

A propósito da nossa

Praça de Toiros

Ex.º Sr. Director do Jornal «A Província».

Li com interesse a notícia no vosso jornal sobre a Nossa Praça de Toiros.

Não me surpreendeu, nem tam pouco achei estranhas mais essas manifestações de ansiedade e desespero do povo aficionado e amigo de Montijo, manifestadas mais uma vez — para que chegue o início das obras de construção da Nova Praça de Toiros, ideia que o povo desta terra não pode esquecer, assim como todo o país aficionado.

Digo que não me surpreendeu esse interesse, porque já muitas vezes no seu próprio jornal o tenho atestado, e sempre e em todos os casos eu tenho encontrado a grande ajuda deste povo que tem acorrido com a máxima vontade a todas as chamadas para o fim em vista.

Pertencem à Comissão Pró-Praça de Toiros, mas não escrevo pelo conjunto, porque a isso não estou autorizado; no entanto, direi que a Comissão não descure o assunto e trabalha para que alguma coisa se faça e a ideia vá por diante. Não há dentro da Comissão elemento nenhum que não tenha a máxima vontade de que a praça seja uma realidade.

A obra é grande, de certo vulto, e impõe responsabilidades que eu estou convencido dentro de dias serão vencidas.

O caso da vila do Barreiro construir uma Praça de Toiros, a mim, só me interessa porque sou aficionado e gosto da continuidade da festa.

Espero que em breves dias a

DESASTRE

No passado dia 30 de Novembro, pelas 16 horas, o sr. Joaquim Tavares Fontes Junior, de 32 anos, casado, trabalhador e residente no Samouco, foi vítima dum grave desastre quando procedia à perfuração dum poço naquela localidade.

Uma peça do engenho, com que procedia a essa perfuração, atingiu-o e ocasionou-lhe contusões na espinha dorsal e no pé esquerdo.

Conduzido ao nosso hospital, ali foi socorrido; mas, em virtude do seu estado não ser satisfatório, foi depois conduzido para Lisboa na ambulância dos B. V. de Montijo.

Vende-se

Fórmula do petróleo químico JÃO DIGO

Loção progressiva

Maravilhoso preparado contra a caspa e a queda do cabelo e também Frieirida

JÃO DIGO

Marca registada

Por motivo do falecimento do seu fabricante

Trata R. Joaquim de Almeida

N.º 132 - Montijo

SANFER, L.ª DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZENS DE RECOVAGEM

Comissão lhe poderá dar quaisquer notícias decisivas e claras sobre o assunto, que realmente tem demorado mas que, sempre optimista, espero terá bom fim.

Sempre muito obrigado

Amadeu Augusto dos Santos

N. R. = Agradecemos esta carta e esperamos, confiados, em que em breve tenhamos a dita de anunciar o início das obras.

São estes os nossos votos e cremos que os de todos os montijenses.

O certo é que voltaremos ao assunto, se assim não for.

AUMENTO DO PREÇO

dos combustíveis líquidos

Em consequência dos últimos acontecimentos internacionais, e designadamente da obstrução do canal de Suez, o Governo fixou, a partir de 5 do corrente, os seguintes preços para os combustíveis líquidos:

Gasolina, 5\$00 por litro, fornecida nas bombas do continente e ilhas adjacentes; petróleo, 2\$05 por litro, fornecido aos revendedores em Lisboa; gasóleo, 2\$20, por litro, fornecido nas bombas do continente e ilhas adjacentes; fuel-oil, 1\$00, por quilo, fornecido a granel nas instalações de Lisboa.

Será estabelecido um sistema de bonificação a aplicar à agricultura, indústria, incluindo a pesca, e caminhos de ferro.

De futuro as bombas de gasolina estão encerradas ao domingo e serão proibidas as viagens de automóvel ao estrangeiro e as competições automobilísticas de carácter desportivo.

Aniversário

No dia 15 do corrente completa 45 anos de idade o sr. Francisco Augusto Fernandes, nosso prezado assinante em Montijo.

Sua Esposa e Filhos felicitam-no pelo seu 45.º aniversário.

«A Província» felicita-o igualmente e deseja-lhe longa vida e muitas felicidades.

Vende-se

— Uma PROPRIEDADE rústica sita no Pinhal do Monte — Freguesia de Montijo.

Aceitam-se propostas trata na Rua Joaquim Almeida 32 Montijo.

— PRÉDIO de 2 inquilinos e um anexo, para 1 ou 2 inquilinos. Desabitado presentemente.

Praça da República, 5, 7 e 9 Samouco. Trata-se em Lisboa, R. dos Correiros, 105 - Telf. 24527.

NATAL

em Montijo

«A Província» não se enganou quando apelou nos dois números anteriores para a generosidade dos montijenses.

Iniciamos hoje a publicação de ofertas e donativos para a nossa Arvore do Natal e para a distribuição, que faremos no dia 25, pelas crianças da nossa terra e pelos pobres.

Continuamos esperando que essa generosidade venha ao encontro dos nossos desejos, pois há muito e muito por quem distribuir.

Entretanto, aqui manifestamos o nosso maior agradecimento a todos que se dignaram acorrer ao nosso apelo, concorrendo para o êxito da iniciativa que «A Província» se propõe realizar no dia de Natal.

Seguem-se as ofertas e donativos:

Anónimo, 100\$00; Papelaria Rádio, 20 cadernos e 8 borrachas; António Mendes Bastos, 1 brinquedo; Papelaria Alvatília, 7 brinquedos; Casa Sam, 1 casaco de malha; Francisco Domingos, 1 frasco de perfume e dois sabonetes; Luís Eduardo Neto, rebuçados; Júlio Faria, umas *soquetes*; Tabacaria Moderna, 2 brinquedos; V.ª de Romão Sanchez, rebuçados; Casa Faz-Chuva, 4 pares de sapatos; José Alvarez Alvarez, 2 camisas e 2 pares de peúgas; Carlos Amaral 1 lata de bolos; Café Vei-mar, rebuçados; Foto Veneza, 1 brinquedo; João Euclides, 5\$00; Anável Cardoso Diniz, 2 sabonetes; Felícia Dias, 2\$50; Drogaria Nova, 2 sabonetes; Ludgero Brito Soares, 2\$50; José Tavares Samoreno, 1 brinquedo; Joaquim Mendes Capela, 1 chávena no valor de 30\$00; Casa Rosálita, 1 touca; João Simões Tavares, 10\$00; Mário Tavares Samoreno, um pacote de bolos; Vlademira, 1\$00; Maria José de Sousa, 5\$00; José António Gaspar, rebuçados; Francisco Neto dos Santos, 5\$00; Empregados da Farmácia Montepio, 1 sabonete; Pastelaria Ribatejana, 1 caixa de broas e rebuçados; Café Nacional, 1 pacote de rebuçados; Agência Labor, 5\$00; Augusto Ramos Carreira, 4 sabonetes; José Rodrigues B., 2\$50; Diamantino Seixas, 2\$50; Francisco Vicente Lucas, 3 pares de peúgas; Maria José Lucas, 1 regador; Eusébio Ângelo Peixinho, 1 par de peúgas; Drogaria Montijense, 6 sabonetes; Francisco Tavares dos Santos, 1 brinquedo; José Porfirio Ezequiel, brinquedos; Eugénio Rodrigues de Sousa, 2\$50; Maria Isabel de Oliveira Nunes, 1 pacote de Bolos; Uma anónima, 3 pares de peúgas; Amândino Ferreira de Melo, 1 caixa de bolos; Natália Maria, 1 par de peúgas; Joaquim Marques Contramestre, 10\$00; António R. Dias, 1 pacote de flocos; Mário Dias, 1 brinquedo; Emilia Dias, 1 queijo flamengo; Farmácia Diogo, 2 estojos de *Toilette* para criança; José Mendonça, 5\$00; Um anónimo, 1 blusa.

CULUMBOFILIA

Pombos de fundo, real categoria, vendo. Marcam onde quer que seja.

Entre outros de valor, possuo um pigaço de 53, que conquistou em 54: 1.º Régua e 4.º de Tua; em 55: 6.º Corunha, 1.º de Burgos e M. Ebro; em 56: 5.º de Burgos. Possui mais classificações. Aceito propostas, rejeitando-as se não convier. Mostram-se, rua 35 — Baixa da Banheira — Mário Mendes.

Precisa-se

— EMPREGADA ou EMPREGADO para escritório, com alguns conhecimentos e que dê boas referências, para Montijo.

Nesta Redacção informa, às iniciais C. S. B.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 13 — *Diogo*

6.ª-feira, 14 — *Giraldes*

Sábado, 15 — *Montepio*

Domingo, 16 — *Moderna*

2.ª-feira, 17 — *Diogo*

3.ª-feira, 18 — *Giraldes*

4.ª-feira, 19 — *Montepio*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.

6.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.

Sábado — às 9 e 10 horas.

Domingo — às 8, 10, 11,30; 11,30 (Atalaia); 17,30 (Afonsoeiro); 18 Montijo.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 13; Um *filme* em Vista Vision e em technicolor com Fred Mac Murray e Barbara Hale «Horizontes Desconhecidos», com interessantes complementos e Revista Paramount.

6.ª feira, 14; Um *filme* em technicolor com Randolph Scott «Ataque ao amanhecer», uma fúria que tudo arrasa. Em complemento o emocionante drama «Esta Terra é Minha», com Charles Laughton, Maureen O'Hara e George Sanders.

Sábado, 15: O último *filme* de Eddie Constantine, sempre rodeado das mais bonitas mulheres «Estão a topar?», com complementos curtos e imagens de Portugal.

Domingo, 16; Um *filme* em Vista Vision com Humphrey Bogart e Fredie March «Horas de Desespero», com complementos curtos. Em matinée, às 17 horas, espectáculo para 13 anos «Natal Branco».

2.ª feira, 17; Um interessante *filme* em que há canções gitanas e toiros «Brisa do Céu», em complemento «Samatra - Terra de Paixões», um *filme* em technicolor com Rock Hudson e Barbara Hale.

3.ª feira, 18; Um *filme* com a extraordinária Libertad Lamarque secundada pelo cómico cantor Pedro Infante «Seis Corações a Compasso», com complementos curtos.

4.ª feira, 19; Um *filme* de Totó, uma farsa que diverte «Totó no Monicômio», em complemento «A Fio de Espada».

5.ª feira, 20; Um *filme* em Vista Vision com Jane Wyman e Claire Trevor, numa deliciosa história de amor na terra do Rio Preto «Orgulho contra Orgulho», com complementos curtos e Revista Paramount.

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 15; (para 13 anos), o *filme* de aventuras em technicolor «A Nave do Terror» e como complemento a engraçada comédia de forte gargalhada «A Mulher que Deus me deu».

Domingo, 16; (para 18 anos), o assombroso *filme* em cinemascópio «Goubbiah, o Homem que veio do Mar» e o lindo complemento em Cinemascópio «Ria-se com os Pa-lhaços».

2.ª feira, 17; (para 18 anos), o Super *filme* colorido «Capitão Scarlet» e o maravilhoso drama com Pedro Armendariz e Dolores Del Rio «A Malquerida».

4.ª feira, 19; (para 18 anos) o grande *filme* em cinemascópio com Victor Mature, «Demétrio, o Gladiador» e ainda lindos complementos.

S. F. 1.º de Dezembro

No próximo domingo 16, realizam-se no Salão de Festas desta colectividade dois grandiosos bailes, *Matinée* e *Soirée*, abrilhantados pelo muito apreciado Conjunto Musical «Os Leais».

Orientação dos pais para melhor Educação dos filhos

(Continuação da primeira página)

distinções, uma vida humana e digna, sem miséria e incerteza quanto ao dia de amanhã. Mas, reafirmamo-lo, depomos este assunto nas mãos dos sociólogos e economistas.

Os cursos para orientação dos pais, poderiam ser divididos deste modo:

Primeiramente expor-se-ia bem clara e expressivamente o que se pretende com a nova educação integral do indivíduo, tornando bem patente a sua indispensabilidade e vantagens, dando como exemplo concretas realidades e realizações e pondo em flagrante evidência o que uma cultura e uma educação perfeitas podem trazer de benefícios ao homem de amanhã. Paralelamente chamar-se-lhe-ia a atenção para o que eles próprios teriam conseguido se a sua educação tivesse sido outra, ou, mais propriamente, se tivesse sido aquela que se preconiza. Evidentemente que tão grande realização terá que ser feita com bastante tacto e por pessoas devidamente treinadas e que conheçam bem profundamente a psicologia dos indivíduos, não só para não ferir susceptibilidades como também para conseguir levar a bom termo os seus propósitos.

A seguir mostrar-se-lhes-ia quanto o trabalho da escola poderia ser facilitado pela sua boa e indispensável colaboração e quanto deles haveria a esperar. Mostrar-se-lhes-ia, por meio de filmes, o que já foi conseguido no estrangeiro e como são belas e eficientes as realizações da Escola Nova. Se possível, *filmar-se-ia* a actividade de algumas escolas já existentes entre nós, as quais, felizmente, vão aumentando de dia para dia, havendo apenas para lamentar que elas sejam de origem particular e mais ou menos comercial, o que, aliás, pode não ser prejudicial à sua eficiência quando bem orientadas por profissionais competentes e esclarecidos e não por qualquer curioso que se aproveite da «moda» para ganhar dinheiro.

Chamar-se-iam a colaborar nessa grande campanha nacional de esclarecimento os educadores competentes que entre nós estão a aplicar sistemas da Escola Nova, e até individualidades estrangeiras de reconhecido valor e celebridade internacional. Organizar-se-ia mesmo um Congresso de Educação Nova, para o qual seriam convidados todos os educadores nacionais e estrangeiros; poder-se-ia até conseguir que um dos periódicos congressos internacionais fosse realizado no nosso País.

Finalmente realizar-se-iam campanhas de colaboração entre os pais e os educan-

dos que teriam por fim solucionar certos problemas de interesse comum, para que todos se achassem possuídos do espírito de cooperação e de grupo que tão necessário é para a boa efectivação do que vimos pugnando.

Supunhamos que neste momento, nos meios rurais, há um problema técnico a resolver, o qual afecta os interesses de toda a comunidade: uma moléstia no trigo. Pois bem; alunos e pais meteriam ombros ao estudo da moléstia: suas possíveis origens, suas características, quais os meios de a combater e eliminar. Seria um óptimo ensaio para uma acção em comum e dele se tirariam proveitosas lições e índices orientadores para futuras campanhas. Dar-se-ia um belo exemplo de cooperação e de como os indivíduos se poderão organizar para defesa do bem comum, da sua estabilidade e bem estar na vida.

Democráticamente seriam apresentadas, discutidas e votadas as medidas acertadas a adoptar e, por certo, se chegaria, investigando e recorrendo à consulta e colaboração de técnicos habilitados, à completa debelação do mal, para regozijo de todos.

Ainda dentro deste assunto se poderia obter a cooperação dos pais para a conservação e melhoramento das escolas rurais, conseguindo até mesmo beneficiar e aumentar o material didáctico ou até mesmo as próprias instalações escolares. Pro-

vavelmente poder-se-ia obter ainda uma contribuição dos pais para a criação de novas escolas que, se possível, numa concepção mais ambiciosa, teriam integradas nelas piscinas e campos de jogos, dado que o desporto são deve andar a par de uma educação sã e que uma e outro são indispensáveis a uma juventude e mocidade saudáveis.

E provável que os pais egoisticamente pretendam esquivar-se à frequência dos cursos, com a alegação de falta de tempo e de que não são meninos para ir à escola. Mas todo o homem tem obrigação de contribuir para a felicidade e bem estar dos seus filhos e deve submeter-se a tudo quanto seja necessário para o alcançar. Entretanto sempre haverá maneira de conseguir a frequência aos cursos: se não for voluntariamente, com a consciência absoluta dos seus deveres cívicos perante si próprios, perante os seus filhos, que os poderão acusar de negligência quando forem homens e perante a sociedade, haverá que forçá-los a isso porque a Humanidade não pode estar dependente de espíritos facanhos e pouco dignos, na marcha para o progresso e para uma vida melhor.

Uma nação só pode avançar no caminho do seu pleno desenvolvimento, quando os indivíduos que a constituem sejam homens cumpridores dos seus deveres e tenham a saúde necessária ao vigor da sua raça.

José dos Santos Marques

Os amigos do diabo

(Continuação da primeira página)

tempos a gritar a sua estima inegalável, a sua indefectível amizade, capazes dos maiores sacrifícios declamatórios, -- e isto dito e redito, pisado e repisado, contado muitas vezes para que os outros no-lo contem, alardeado com chibança nas horas boas, sempre veludos, sempre mel rosado.

Estes, na primeira ocasião, isto é, logo que o amigo supremo cai em desgraça, por qualquer destino, também se encarregam do desprestígio dele pelas cavernas da maledicência, também provocam e ajudam as «torquesadas», os comícios de Cafés, com que pretendem aniquilá-lo, de sapa e de surraipa, para sempre.

E, com aqueles argumentos sabidos e próprios dos manhosos, vão espalhando o: «consta-me», «ouvi dizer», «corre para aí», a fim de ficarem na sombra donde injectam os venenos.

Quer uns, quer outros,

valem um dinheirão!

São os tais «amigos dos diabos», como disse, os tais que mordiscam e inutilizam um dos mais belos sentimentos humanos.

E são ouvidos e escutados religiosamente, como profetas e oráculos, pelas assistências duvidosas e ansiosas de escândalos, embora o amigo supremo tenha um passado impoluto e um presente exemplar.

E as assistências logo se deixam eivar dos venenos injectados, logo tomam partido sem averiguar a veracidade do que os tais «amigos do diabo» espalharam disfarçadamente...

Dizem que as figas, ou outros instrumentos retorcidos, dão excelente resultado contra estes maléficos escarvelhos, contra estas luzidias toupeiras.

Se assim for, teremos que munir a Humanidade com estes poderosos talismãs,

MAIS ALÉM...

(Continuação da primeira página)

tanto, no fogo do Espírito, que tudo salva e sublima. Não, não está tudo perdido! Subsiste a Poesia, há o Poeta que nos transporta a esse mundo fantástico, que é o Sonho, e que nos auxilia a renascer para a Esperança: e, desta nossa época agitada e confusa, é sinceramente o que nos resta: - refugiarmos no Sonho, e aplicar todas as nossas forças para que ele se reencarne em realidade.

Ficou em boas mãos, o Prémio Nobel deste ano. Está bem representada a tradição lírica da Espanha.

Pena é, a que tão grande honra, se tenha sobreposto tão grande dor: Zenobia Camprubí, mulher de Jiménez e sua fonte inspiradora, passou agora a esse mundo maravilhoso que o Poeta tão bem sabe descrever — o Céu. Vítima duma terrível doença, Zenobia morreu no próprio dia que Jiménez recebia da Academia sueca a honrosa comunicação, conferindo-lhe o Prémio Nobel: — teve ela disso conhecimento, e assim morreu mais contente e orgulhosa do Poeta que sempre adorou.

* * *

«— Olha, Platero, como caíem rosas de todas as partes: rosas azuis, rosas brancas, sem cor... Dir-se-ia que o Céu se desfaz em rosas. Olha como se enche a frente de rosas, os ombros e as mãos... Que farei eu com tantas rosas?»

— Sabes tu, porventura, donde provém esta branca flora, que enternece, cada dia, a paisagem e a deixa docemente rosada, branca e celeste — mais rosas, mais

rosas —, como um quadro de Fra Angélico, aquele que pintava o Céu de joelhos?

— Das sete galerias do Paraíso, parece que atiram rosas para a Terra.

Como numa neblina tibia e vagamente colorida, permanecem as rosas na torre, no telhado, nas árvores. Olha: todos os tons fortes se transformam, com o seu adorno, em delicados. Mais rosas, mais rosas, mais rosas...

Parece, Platero, enquanto soa o «Ángelus», que esta nossa vida perde a sua força cotidiana e que outra força de dentro, mais altiva, mais constante e mais pura, faz que tudo, como em fluxos de graça, suba às estrelas, que já se iluminam entre as rosas... mais rosas...

— Os teus olhos, que tu não vês, Platero, e que elevas mansamente ao Céu, são duas belas rosas...

* * *

— Que maravilhoso, este poema de Jiménez, não é?... Rosas e mais rosas...

...Será que Deus lhe tenha enviado tantas rosas, como Prémio também?

...Como é estranha e bela a Poesia das coisas simples...

António Garcia

Málaga — Outubro 1956.

Telefone 028 57

Data hour Fotografias

Foto Montijense

Publicações
Recebidas

— Plateia — Revista de Cinema. Director: Bapista Rosa. Redacção: R. Saraiva de Carvalho, 207 — Lisboa.

N.ºs de Novembro e de Dezembro.

Como sempre, todos muito interessantes e fartamente ilustrados. Em separata, Richard Todd, Taina Elg, e Susan Cabot.

E como sempre também, muito gratos pelos exemplares enviados à nossa Redacção.

— Boletim do Porto de Lisboa — Director: Dr. Raúl Humberto de Lima Simões.

Administração do Porto de Lisboa — Cais do Sodré — Lisboa. N.º 69 — Ano VI.

Sumário de relevo. Artigos e crónicas da especialidade portuária. Sumários finais em francês e inglês.

Publicação de extrema utilidade e valor para os interessados.

Agradecemos a deferência do exemplar costumado.

— Gazeta Literária — Director: Mário do Amaral.

Redacção: Rua Rodrigues Sampaio, 140 — Porto. N.º 51 — Novembro.

Esta revista mensal, de elevado interesse e distinção, continua marcando a sua posição recomendável nas letras portuguesas. O sumário deste número assim o demonstra iniludivelmente, pelo que, mais uma vez, lhe dirigimos as nossas sinceras felicitações.

Muito obrigados pelo exemplar que nos remeteram.

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

POR TERRAS GALEGAS

A todos os meus companheiros de viagem

Pela manhã do segundo dia na Corunha, depois do pequeno almoço, saímos à aventura. A' aventura quer dizer: ver *montras* e mais *montras*, na rebusca das pechinchas tão reclamadas.

Nisto se passa quase a manhã, carregados de embrulhos, lembranças para esta e para aquela, *recuerdos* para este e mais para aquele.

Quero também dedicar algumas considerações a este caso das compras:

— Tirando duas ou três coisas que, na verdade, são mais baratas do que em Portugal, o resto, a maior parte não merece a pena. Em terras fronteiriças e portuguesas encontra-se tudo de que precisamos, com pequena diferença de preços e sem a maçada vexatória das alfândegas.

Apenas admito que se adquiram lembranças insignificantes, — lembranças que digam à família e aos amigos que os não esquecemos. No mais, não vejo qualquer vantagem em andar de loja em loja à procura de objectos exóticos por preços ridículos. Nada disso existe e é, portanto, uma pura ilusão.

No entanto, como o mal é contagioso, também por lá andámos na mesma ilusão, a perder tempo precioso e a ver desfilar as *calcetinas*, os *pañuelos*, as *crobatas*, etc.

Deixámos a embrulharia (não sei se existe em português tal palavra) no último estabelecimento e fomos, finalmente, em procura das belezas corunhenses.

Ao fundo da praça onde estivéramos na véspera, frente ao Oceano, vamos encontrar a estátua do Marechal Carmona. Simple e modesta, representa, entretanto, uma deferência para com o nosso País.

Demos a volta pelo jardim e, em face dos velhos muros, em face do castelo de Santo Antão, observamos a moderna piscina de *La Solana*, o melhor conjunto da baía e da cidade. A luminosidade é admirável. Aí se disfrutam as paisagens de grandeza oceânica, as graças da terra marinheira.

O espectáculo do mar deve ser um dos grandes atractivos corunhenses. O Atlântico é vizinho da cidade, e o panorama que se oferece ao visitante, desde a cidade velha e contornando a península rochosa da Torre de Hércules, é um somatório de maravilhas indiscutíveis!

Para Oeste distinguem-se as ilhas Sisargas, para o lado oposto a Praia de Santa Cristina. Nesta praia, para onde se passa por pequenos barcos, se estadeiam os banhistas internacionais todas as manhãs, num regalo evidente e bem apreciado.

Os garotos da mesa da pensão, — os únicos destoantes da grosseria familiar —, assim nos informam e nos gabam o prazer infinito de

A CORUNHA

XI

se banharem todos os dias nessa famosa praia.

Gostámos da baía, da costa rochosa, dos recortes magicamente doirados, dos horizontes esplendorosos, da luz forte e perturbante da enseada, do rolar das vagas contra a muralha defensiva.

Crónicas e Reportagens
por
ÁLVARO VALENTE

Como paisagem marinha, difícil será encontrar outra que se lhe assemelhe!

Ao voltar, observando a parte antiga de Corunha, seguindo à Praça de Maria Pita e à Praça Real, notamos toda a transformação que a cidade sofreu através dos tempos, até nos apresentar agora aquela riqueza de edificações modernas, altos palácios, quase arranha-céus, locais de tertúlia, de grande comércio, Cafés, estabelecimentos de espavento, do Palácio Municipal, das estátuas em jardins floridos e magníficos, alamedas sumptuosas e alegres.

Na Praça Real uma Banda regimental dava concerto. A Banda era excelente e o concerto deliciou-nos. Num Café em frente um *jase* rabujava desconexo, para os dançarinos. Que contraste flagrante! Dum lado a Música clássica, admiravelmente interpretada; do outro, a batucada estridente e zaragateira da tal música moderna! Até aqui me persegue a eterna questão...

E já nos perseguia também a preocupação da hora da partida. Agora que começávamos a tomar o gosto à curiosa cidade... Já não temos tempo para almoçar. Resolvemos comprar um almoço volante para comer «a bordo». Vamos à pastelaria onde deixáramos as malas, depois de termos liquidado na Pensão para sairmos ao passeio, e aí comprámos doçarias e lembranças para trazer. Agradecemos novamente ao dono o «socorro» que nos prestara na hora da chegada, e saímos para o local de estacionamento do autocarro.

Ali nos aparece um rapaz de Montijo, deslocado da vida por infelicidades, que espera qualquer auxílio. Que pequeno é este mundo! Por iniciativa de Pascoal, abre-se uma subscrição e fazemos o que podemos ao infeliz português. Alguns excursionistas assam sardinhas junto ao autocarro. E ali mesmo, com pimentos *morrões*, almoçam lautamente.

Que tristeza a desta partida! Tanta e tanta coisa que ficou por ver! Trazia o meu canhenho repleto de anotações e de nada serviu. Tra-

zia apontados: O palácio da Maestranza, *el Canton Grande*, os jardins de Relleno, a Torre de Hércules, a Capitania Geral, o Museu das Belas Artes, as fontes soberbas, as fortificações antigas, o baluarte do general Moore, etc., etc.. Tudo lá ficou... talvez para nunca mais!

(Continua)

Portugal Pitoresco ALMERIM

(Continuação da 1.ª página)

E a «Sintra de Inverno», — como se diz e canta no seu Fado —, progredindo ano a ano cada vez mais se impõe de opulência e graça.

«Quanto à mulher, pode não possuir a formosura célebre das do Minho ou do Douro, ou a alegria da mulher do Algarve, contudo, destacando-se das demais da região, quem haverá, pois, que não admire e se não deixe enlevar por esta graciosa campina de Almerim trajando saia de castorina carnada, tão hábilmente trabalhada nos seus plissados e com artísticos favos nas âncas, casaco de chita clara, às florinhas, rematado em forma de rabo de leque; avental creme e do mais caprichoso bordado, lenço merino sobre o formoso busto que ostenta grande cordão de puro ouro e da maior valia, a condizer com os compridos brincos ou enormes argolas que lhe pendem airoso das orelhas; e o típico cachene, creme, salpicado aqui e ali de bem estampados e minúsculos ramos de flores, — a dar graça e beleza ao palminho de cara que ornamenta».

José A. Vermelho

E com estas transcrições ilustradas, prestamos a nossa homenagem à hospitaleira e típica vila ribeirinha.

ALMERIM antiga

A Igreja do

Espírito

Santo

MIRADOUROS DE LISBOA

Por Amara Frazão

Quem quiser ver Lisboa de uma assentada, toda inteira, basta tirar-se de seus cuidados, subir ao Zimbório da Estrela e espalhar a vista lá do alto e por todos os lados.

Mas se uma pessoa se contentar em ver Lisboa aos bocados, percorra então os miradouros da capital e não tem necessidade de dar cabo do coração a subir as tais escadinhas do zimbório, íngremes e estreitas que nem diabo.

No miradouro de Santa Luzia, por exemplo, que fica ali mesmo ao pé do Limoeiro, debruce-se um pouco no seu varandim e verá que lhe aparece um bom naco da Lisboa antiga, a velha Alfama que hoje se mostra aos estrangeiros como reliquia de um longínquo passado de conquista. E lá ao fundo o sempre formoso Tejo que outrora banhava o antigo domínio dos mouros.

Subindo mais uns pedaços, de eléctrico ou a pé, entra-se na Graça e depois na Penha, em cujos miradouros a vista alcança, sem grande esforço aliás, uma boa parte da paisagem urbana da grande capital: O Rossio, a Avenida da Liberdade, o parque Eduardo VII, parte da nova cidade, as eternas escavações para o metropolitano...

Do Castelo de S. Jorge vê-se mais vasto conjunto. Rodeando seus mirantes, até o Tejo de novo nos afaga. Os olhos fixam-se em pontos que os encanta. Outros miradouros, embora de vista menos larga, estão de lá a dizer à gente que os não abandone e que nada se perde em os visitar.

José Teodósio da Silva

(Herdalra)

Fábrica fundada em 1900 (em edificação própria)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204-9

MONTIJO



DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.^a Divisão

Montijo, 5 - Portimonense, 2

Formação das equipas:

Montijo — Redol; Valentim, Manuel Luís e Anica; Neto e Serralha; Barriga, Veredas, João Mário, Mora, e Ernesto.

Portimonense — Daniel; Luz, Moniz e Ferreira 1.º; Arquimínio e José Maria; Camarinha, Jorge, Romão, Cláudio, e Alexandrino.

Arbitro — Jaime Pires, de Lisboa.

Campo — Luís Almeida Fidalgo, em Montijo.

Este encontro esteve difícil para os montijenses. Até o intervalo 1-0, a favor dos de Montijo, com poucas probabilidades.

Vimos o caso mal para o. Parecia que tudo se preparava para um desfecho desconcertante, o que custava a admitir, em face da formação actual da equipa do Desportivo e das suas últimas actuações.

É possível que o sistema de jogo dos visitantes, — chutando por alto e a grande distância —, tivesse concorrido para a leve inferioridade do 1.º tempo.

Este sistema manteve-se até o

2.º golo dos algarvios, já na 2.ª parte, enquanto a assistência esperava a reacção que não vinha.

Passámos momentos de quase desânimo, de quase desespero.

É certo que a turma portimonense se apresentou aguerrida, forte no ataque, rápida e cheia de voluntariedade, ao passo que a nossa esteve, até à reacção, diferente, desconhecida, sem aquelas características dominantes dos encontros passados.

No entanto, a reacção sempre chegou.

A substituição de Daniel por Luz, nos portimonenses, talvez para isso tivesse concorrido...

Mas a reacção chegou, após o 2.º golo dos algarvios, e então a equipa do Desportivo mostrou quem era, impôs-se em definitivo.

Aos 20 minutos da 2.ª parte estava o marcador em 2 a 1, a favor dos algarvios.

Foi quando a reacção produziu seus resultados. Aos 20 minutos golo de Mora, (o empate), aos 25 e 36 golos de João Mário, aos 40 golo de Barriga.

E desta maneira veio a vitória.

já quando se aproximava o fim.

Do Portimonense gostámos de Daniel e de Camarinha, — aquele superior.

Dos nossos, Redol e Neto, — este também superior.

Em boa forma, Barriga e Mora. João Mário esteve hesitante, embora com bons remates.

A arbitragem satisfatória.

Montijo continua, portanto, no 2.º lugar, na classificação geral, com 21 pontos, seguido de perto pelo Olhanense, com 19.

E, como sempre, o Desportivo seguirá, decerto, até o final vitorioso.

João di cá

Do Minho ao Guadiana Baixa da Banheira

(Alhos Vedros)

— **Clube União Banheireuse «O Chinquillo»** — No atraente e vasto salão de festas desta colectividade, realizou-se em 24 de Novembro último um grandioso baile, para sócios e suas famílias, que decorreu como de costume, com grande animação, aonde reinou o máximo respeito e ordem. A brilhou este baile, a apreciada «Orquestra Realce» da Moita, e que é composta dos seguintes elementos: Manuel Ribeiro, Agostinho Moura, João Palmelão, António A. Almeida, Mário de Jesus e como vocalista muito popular o Sr. José Manuel Moura, montijense e leitor assíduo de «A Província». Também nesta colectividade, na tarde de 25, se realizou uma «matinée» dançante, abrilhantada pela mesma orquestra.

— **Missa campal pela paz no Mundo** — Em 25 de Novembro p. p. com início pelas 11 horas realizou-se no terreiro do novo edifício escolar, e já com um número muito apreciado de fiéis e com um certo brilhantismo, uma pequena festa religiosa, que consistiu, além de outras cerimónias religiosas, de «Missa campal pela paz no mundo» e teve como oradores o rev.º pároco da nossa freguesia Sr. José Feliciano Rodrigues Pereira e celebrante S. Rev.º o Sr. Cónego D. João Filipe de Castro (N. R.). Estiveram presentes os quizenário e semanário regionalistas «Tribuna do Povo» de Seixal e «A Província» de Montijo, representados pelos seus correspondentes locais e as colectividades: Ginásio Atlético Clube e Clube União Banheireuse «O Chinquillo», que mais uma vez teve a gentileza de colaborar com a sua magnífica aparelhagem sonora, que infelizmente não foi possível funcionar, digamos em abono da verdade, por lamentável erro do Sr. electricista que fez a respectiva ligação eléctrica, principal causador deste incidente, e que se torna imperdoável, especialmente em festas desta natureza.

— **Espectáculo de Beneficência** — Acabamos de ser informados de que uma comissão para este fim organizada, teve a honra de levar a e oito, no passado sábado dia 8 do corrente, mais um sensacional espectáculo de beneficência, em que colaboraram o simpático elenco de variedades «Os Penicheiros» do Barreiro e outros artistas da canção nacional. Este espectáculo realizou-se no atraente salão de festas do C. U. B. «O Chinquillo», e o producto líquido reverteu em benefício do Património dos Pobres, em construção nesta localidade. Agradecemos por este motivo, ao povo banheireuse que não deixou de acorrer em massa a este espectáculo, por ser de carácter benéfico, e um grande melhoramento para a terra. — (C.)

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

Basquetebol

Montijo, 24 - Barreirense, 57

Jogo realizado no passado domingo, dia 9, a contar para o Campeonato Regional e arbitrado pelos srs. Frederico Sobral e Hermínio Castro.

As equipas alinharam:

MONTIJO (11 cestos e 2 lances livres transformados em 10 tentados) Luciano (2), Heitor (2), Pinto (2), Adriano, Barreiras (12) e Teodemiro (6).

BARREIRENSE (26 cestos e 5 lances livres transformados em 15 tentados) A. Macedo (3), J. Macedo (20), Narciso (15), Ferreira (3), Valente (13) e Pereira (3).
Ao intervalo 13-26.

Além da qualidade inferior de jogos, que o «cinco» montijense tem vindo a efectuar, é verdade que também manifesta infelicidade tem perseguido a equipa.

No domingo foi particularmente notada essa pouca sorte. As bolas eram lançadas, o cesto considerado certo, mas, caprichosamente, rolavam nos aros e não entravam. Para cúmulo e servindo de illustração ao que dizemos, apontamos uma jogada em que a bola depois de ir às mãos de Barreiras foi por este lançada. Lançamento correcto de meia-distância, bola a entrar e Pinto num salto magnífico, mas infeliz, tirou-a positivamente. Este jogador calculou mal a trajectória da bola, e para além da beleza do salto ficou a perda irreparável de dois pontos.

É significativo, cremos.

Claro que esta ligeira nota nada tendo que se relacionar com o resultado do jogo, reflecte-se na magra pontuação atingida pelos montijenses, 24 pontos.

Da vitória do Barreirense nada há a objectar. A equipa, sem ter jogado o que pode e sabe, sem se ter empregado a fundo, ganhou quando e como quis. Dominando nos ressaltos e com José Macedo no segundo tempo feliz na meia distância, foi, pode-se dizer, aí que residiu a vitória do Barreirense. Devemos dizer também que foi o suficiente.

O Montijo fez a partida que nós esperávamos. Sem grandes aspirações, limitou-se a uma toada de jogo lenta, com grandes retenções

de bola, evitando desta maneira as costumadas pontuações do adversário. Os 57 pontos obtidos pelo Barreirense demonstram que foi devido a essa maneira de jogar, tão escasso resultado (para o Barreirense, evidentemente).

A arbitragem do sr. Cabral foi regular. O outro árbitro, sr. Hermínio de Castro, não teve oportunidade de mostrar os seus «elevados» conhecimentos. As suas intervenções foram praticamente nulas e não compreendemos porque. Se teve receio de errar ou se deixou toda a responsabilidade para o seu 1.º, sinceramente não compreendemos.

Em reservas entre as mesmas equipas o resultado foi de 47-20 favorável aos Barreirenses.

— Na passada terça-feira, dia 4, realizou-se no campo do Luso um festival de basquetebol de homenagem ao jogador Jacinto Moura Ferreira, daquele clube, que se retirava da actividade.

O programa, que decorreu num tom de simpatia, teve como protagonistas as equipas do Sporting e Luso, que jogaram entre si, e Montijo e Cuf que efectuaram o segundo jogo.

Verificaram-se os seguintes resultados:

Sporting, 75 - Luso, 63
Cuf, 48 - Montijo, 44

Luciano Mocho



SIEMENS RADIO

TELEVISÃO

Agente:
A. Ventura & Filho, L.º
R. Guerra Junqueiro, n.º 4
Telef. 026495 MONTIJO

Concurso de Prognósticos de futebol

Cupão N.º 12

Acertou em 10 resultados:

José de Brito Nascimento

Rua das Fábricas

ALHOS VEDROS

Ao qual lhe será enviado o prémio

Prémios para o cupão n.º 14

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Aos que acertem em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da **SETEL**, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

Se quiser passar um Natal feliz habilite-se neste grandioso concurso que «A Província» lhes proporciona.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 14

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Sporting	Benfica	Beja	Almada
Covilhã	Académica	Montemor	Coruchense
Porto	Torreense	«Os Leões»	Juventude
Cuf	Barreirense	Arroios	Farense
Caldas	Setúbal	Montijo	Olivais
Belenenses	Oriental	Estoril	Portalegre
Lusitano	Atlético	Olhanense	Portimone.

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 14

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 23

ESTUDOS BIOGRÁFICOS

TOLSTOI: — Homem, Escritor e Apóstolo

Por Cândido Tavares Rosa da Silva

Todas as grandes obras que dão forma ao sentimento e ao génio dos que as edificaram, ostentam sobre si os nomes gloriosos daqueles que legaram a contemporâneos e a vindouros a centelha inextinguível duma alma envolta de luminosidade empenhada em iluminar o céu esplendoroso dos homens geniais. E' com esses feitos, de som portentoso, que a História se engalana e congratula.

No pó dos anos, se sepultam os fracos e na consumação dos séculos, se elevam os fortes. De sangue, se tingem as páginas descrevedoras de heróis belicosos que, com a força poderosa do braço ou o cálculo ardiloso do raciocínio, esmagavam e destruíam. De luz, suavidade e beleza, se impregnam os escritos que falam do amor fraterno e de anseios de paz, por sob todos os céus.

Muitos foram e são os que, ao vento e ao papel, lançam ideias clamando a fraternidade de que eles não fazem mais do que falar e escrever! Quantos livros por esse mundo, apontando caminhos antagónicos áquelles por onde os seus autores enveredam! A estes, pagam com a eterna gratidão áquelles que se quedam deslumbrados perante a grandeza do trabalho realizado, agradecidos pelos efeitos que duma causa boa se podem obter. Mas, aos que entrelaçam obra e vida numa insuperável manifestação de amor pelo próximo, num arreigamento fervoroso á verdade, nada há sobre a face da terra que seja suficiente para lhes agradecer os serviços prestados. Está neste caso, o insigne escritor russo nascido em Ysnaia Poliana, no ano de 1828, e que há-de, através dos anos futuros, numa imorredora e vasta obra, perpetuar o nome da família Tolstói.

Leão Nicolaievitch Tolstói, descendente duma família aristocrática cujos varões, invariavelmente, seguem a gloriosa carreira das armas, numa tradição que remonta de longínquas eras. E, áquelle que virá a escrever a mais notável das obras literárias de que a Rússia se ufana, completos que são os dezoito anos, inicia nelas a sua carreira. Poucos anos, porém, o exército o retém; contudo, destes colhe os conhecimentos que tão bem irá saber ministrar nos escritos que o cobrirão de louros.

Educado numa atmosfera de preconceitos e de orgulhos, o jovem conde deixa algumas vezes

impressas sobre os dorsos dos mugiques, que arrancam com o esforço dos músculos as riquezas da terra, as ímpias marcas dos chicotes, num desprezo infimo pela espécie.

Aos vinte e três anos, é quando nele se pronuncia o génio imenso que transbordará numa incontível onda, que mais tarde iluminará a Rússia, alongando-se também a toda a Europa, começando uma autobiografia em três volumes, intitulada: — *Infância, Adolescência, Mocidade*, e que lhe fará merecer os incitamentos de sua tia Tatiana Alexandrovna. Porém, os prazeres fáceis que a vida lhe oferece, arrancam-no ás letras e impelem-no para a vida depravada do jogo, mulheres e caça. Contudo, não podendo ocultar dentro de si o grande talento de escritor, nos escasos momentos que rouba ao pano verde, á caça e á sedução das jovens do povo, cria *Os Cossacos* e *A Incurião*, inspirados quando ao serviço do exército no cerco da Silistria e da Crimeia.

Faz uma digressão pela Europa e assiste em Paris á execução dum condenado, cujo espectáculo lhe desperta os sentimentos generosos que ele próprio não suspeitara ainda em si e muitos anos depois o arrastarão a pregar a não violência.

Em 1862, com trinta e quatro anos de idade, decide-se a casar, a fim de pôr termo á vida turbulenta em que vive, desposando Sofia Andreievna de dezoito anos apenas, da qual recebe incentivo para algumas das suas grandes obras.

Não obstante afirmar: — Basta escrever um bom livro em toda uma existência, lança á rua dois novos livros: — *Felicidade Conjugal* e *Polikouchka*.

Após um ano de casado, projecta *Os Dezembristas*, para, volvido o mesmo tempo, o pôr de lado e começar a sua coroa de glória: — *Guerra e Paz*, que sairá em 1869. O esforço mental dispendido no monumento grandioso que é este livro, primeiro projectado sob o nome de *Ano de 1805*, só o afasta da pena quatro anos, para se absorver depois da sua grande obra: *Ana Karenine*, publicada em 1876. Em 1879 escreve: — *Confissões*. E' neste ano que todo o seu fervor místico o empolga e o

obriga a estudar reflectidamente a orgânica da Igreja Ortodoxa, cumprindo ele próprio, honestamente, todos os seus ritos. Deste estudo nasce um novo livro em 1880: — *Crítica da Teologia Dogmática*, em que ele renega á Igreja e se afirma servo de Deus, perante o qual não tem outros deveres além da paz da consciência. Este livro, que dita o Tolstoísmo, vale-lhe a crítica mais acerba da parte do Santo Sinodo, cujos membros, em cartas que lhe dirigem, gritam a repulsão mordaz a que o votaram. No ano seguinte traduz os Evangelhos. De 1884 a 1888 escreve *Contos Populares*, e escreve ainda para o teatro da corte: — *O Poder das Trevas* e para o público a novela: — *A Morte de Ivan Ilich*. E' então que, ao atingir sessenta anos, levado pelo amor ao próximo e vindo em cada semelhante um homem com os seus direitos, troca as vestes senhoriais, com que frequenta a corte, pelo café do mugique e, abdicando da sua imensa fortuna em beneficio dos campónios, se curva como eles nas rudes lides campestres.

Avassalando todas as veras do coração na defesa da não-violência, faz-se vegetariano, exemplificando ele próprio suas ideias, e escreve ao Tzar a pedir clemência para os prisioneiros.

As palavras de Cristo parecem soar-lhe aos ouvidos: — E' mais fácil a um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que a um rico entrar no reino do Céu. E, ao receber o dinheiro, que lhe advém do livro: — *Sonia a Kreutzer*, publicado em 1889, lança-o, ás mãos largas, sobre os mendigos que se lhe deparam. Já não era homem, mas homem feito apóstolo. Deixara de ser o Pedro hesitante da *Guerra e Paz*, para surgir o Nekludov de *Ressureição*, procurando a tranquilidade e a paz da existência no bem prestado, para conforto da alma e da consciência.

Dois anos depois, uma pavorosa fome tomba sobre a Rússia e Tolstói socorre os flagelados com os meios ao seu alcance. Mas, o eco das suas acções não se repercutiu na família como no escritor: — ela exige dele o chefe zeloso dos seus interesses e não o apóstolo da

humanidade. Os inimigos apontam como gestos de vaidade os seus actos de nobreza, e todas essas causas se avolumam nele, mortificando-lhe o ser.

Em 1897 escreve: — *O que é a Arte?*, pronunciando-se indignado contra os cultores de motivos escabrosos que, segundo ele, profanam a moral pública.

Mais dois anos se passam e vem então á luz a terceira grande obra da carreira literária: — *Ressureição*, onde o escritor, mais do que em nenhuma outra, afirma os ideais, os pensamentos e até os dramas que lhe causticam a alma. Desde então, a pena que lhe corre fluente entre os dedos, não consegue descrever mais do que dramas no resto dos seus dias.

Já trilhando a vereda dos oitenta e dois anos, o prócer literato, colocado irreconciliavelmente perante a esposa numa última tentativa á paz que se lhe nega, abandona o lar para cair vitimado pela doença na estação de Astapovo. Aos vinte de Novembro de 1910, rodeado de discípulos e familiares, o octogenário solta o último suspiro, atormentado ainda pelos jornalistas que o fotografam no leito da morte.

Se é certo que, na primeira metade da vida, a sua mão feriu com o azorrague a carne escrava, que a sua voz brandindo arrogância chicoteou os seus semelhantes e que as suas acções abriram caudais de torvas lágrimas, não é menos certo que a outra metade foi um resgate bendito que, pelo somar dos anos, ia enterrando mais fundo nas brumas da memória os ais das vítimas de actos pretéritos.

E, se o seu corpo foi devorado pela terra, a sua obra habita todo o Mundo e a sua Alma, impressa nas letras que combinou, faz crescer cada dia em novos peitos o desejo de conhecer o Homem, o Escritor e o Apóstolo, que enquanto vida fez parte (roubemos as palavras a Camões),

de áquelles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando...

Majores lucros na criação de porcos

(Continuação da última pág.)

e os cuidados; mas a sua acção é notável no controle daquelas doenças.

Quando a doença se espalha na vizinhança é a altura própria de proteger os seus animais usando Terramicina em altas doses nas rações que, assim, ficam a ter 10 vezes mais antibiótico do que áquelles para fins exclusivamente nutritivos.

A adição de 2 kgs. de TM 10 é eficiente na prevenção da epizootia, mas quando os animais já forem atingidos é conveniente uma concentração de 5 kgs. por tonelada de ração. Segundo as mais recentes investigações, esta acção preventiva e curativa da Terramicina é devida ao seu alto poder antibacteriano sobre a flora intestinal que impede o desenvolvimento dos microorganismos nocivos, que para a sua subsistência tiram ao organismo animal que os hospede os mais valiosos princípios nutritivos sob o ponto de vista qualitativo.

No entanto, a consulta a um veterinário é sempre aconselhável, pois que a doença pode propagar-se antes de se conseguir detê-la.

A adição de uma elevada concentração de Terramicina na água para beber... ou a introdução de um comprimido na garganta do animal pode tornar-se vantajoso.

É esta a opinião do Dr. Hawley, Chefe dos Laboratórios Pfizer, que aconselha para os porcos atacados de influenza ou diarreia um comprimido e a adição de Terramicina na água que bebem, durante 3 ou 4 dias.

Terramicina em várias doses administrada nos alimentos, Terramicina em pó adicionada á água de beber e comprimidos em concentrações ainda mais elevadas, salvam presentemente milhares de escudos, e cada vez salvarão mais porque a acção da Terramicina não pára, pelo contrário, progride.

A Terramicina em todas as suas formas provou ser a protectora ideal dos lucros dos criadores de porcos.

Ajudando a criar mais e melhores animais em menos tempo, compensa totalmente o seu custo.

N.º 35

Folhetim de «A Província»

13-12-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

A Ermelinda, que viera com seu alguidar de roupa do sr. Moraes, enlanguescera e dormitava pela tardinha.

A mãe chegou, sacudi-a, e interpelou abruptamente:

— Olha cá, Ermelinda: Tu namoras com o «encarregado» das obras, não é verdade?

A filha, apanhada de surpresa, não respondeu. A timidez dava-lhe silêncios que se resumiam, de seguida, no costumado tremor.

A mãe voltara á pergunta:

— Namoras com o sr. Moraes, não é verdade? Porque não arrespondestes, velhaca? Chegou-te agora a vergonha pra com tua mãe? Não a tens prós outros, nem pra ti...

— Que é lá isso? Veja como fala, an?

— Vê lá tu mas é como te governas... Não te faças Inês da Horta! Nem pode uma pessoa entrar em qualquer loja que não seja logo graças práqui, risotes práli, cantês trague a alma em rasgos!

Sou a mãe, quero saber o que vai por minha casa. Se teu pai fosse vivo, era a ele que darias estifações, e outro galo te cantava; mas assim, é a mim que tens de dar contas da tua vida. Pois que julgas? E não te anojes que a mim tanto se me dá como se me deu...

Ela não poude mais. Os tímidos são ao mesmo tempo impulsivos. Estava cansada de fingir, de disfarçar, e, afinal, a mãe é que a tinha metido á cara quando ela não queria aparecer.

Num repente, com os nervos aos saltos, rebentou aos berros:

— Pois bem. Sim... é verdade. E não é só namoro, é mais além. Que

têm vocês com isso? Que tem a mãe, que têm os do «Palonso» e os da «Vinagreira», e os da rua, e os da aldeia toda com a minha vida de portas a dentro?

Já não sou *minor* e posso fazer do que é meu, muito meu, o que me apetece. E bonda!

— Ah grande cabra! Grande bácia! Então eu que sou tua mãe não tenho nada com teu porte, an? Nem sequer te cobrisses de abigoiros, vê lá tu! Mas olha que eu inda sou capaz de pegar num pau de racha ou num poio e esmurrar-te da cabeça aos pés, grande coira!

E juntando o gesto ás palavras, entrou de procurar em volta com que a agredisse.

Os olhos saíam-lhe das órbitas, espumava de raiva, dava pulos e pinchos que nem cabrito montês!

— Ah galdéria! Ah desavergonhada! Ah porca! És oiça Maria Alegria... E olha que não és «filha da quarta-feira», ouviste? És filha de teus pais, arrebidos na igreja da freguesia.

A filha teve-lhe medo. Desvairada, fugiu pela encosta que ia bater em cima, na vereda para a povoação.

O terreno escorregadio e coberto de gomas dos pinheiros não a deixava correr desabaladamente. Ora caía, ora se levantava, cambaleante, oprimida e angustiada.

Atrás de lá zuniam os calhaus e as imprecações da mãe:

— Tu 'niaginas que entras em casa, minha tunanta? Livra-te tu de me pôres os pés na soleira da porta! Ah! cabra! Grande coira! Vai ter com o pandilha que te desgraçou...

Houve uma altura em que as pedras lhe acertavam á roda. Ela teve a impressão de que a mãe a alcançaria em breve, tão perto chegaram os berros!

A meio do pinhal vizinho tomou pela rilheira da esquerda. Era chão mais limpo, não havia tojos nem silvas, e já podia correr.

A velha Tomásia, porém, era mestra antiga nas trepadelas. Cortou-lhe á dianteira e, quando a filha ia na curva, surgiu-lhe pela frente, desgredada, furiosa, capaz de a torcer:

(CONTINUA)

Adição de antibióticos às rações dos animais de criação foi tema de numerosos trabalhos apresentados à conferência sobre antibióticos e outros factores novos do crescimento animal, celebrada recentemente em Roma. A reunião, patrocinada pelo *Pfizer Agricultural Research Institute*, estiveram presentes delegados de catorze países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos.

Os ensaios, efectuados em estações experimentais e institutos científicos, confirmaram as observações já feitas nos Estados Unidos, quanto ao aumento do peso vivo das aves, porcos e vitelos, em consequência da adição de antibióticos a muitos tipos de rações e pensos.

Os antibióticos como estimulantes do crescimento dos suínos, foram o tema de muitas comunicações apresentadas por ingleses, dinamarqueses e suecos. O Dr. R. Braude, do Instituto Nacional de Investigação em Leitaria, da Universidade de Reading, na Inglaterra,

Página Agrícola



N.º 3 — Organizada por **Luís Bonifácio**

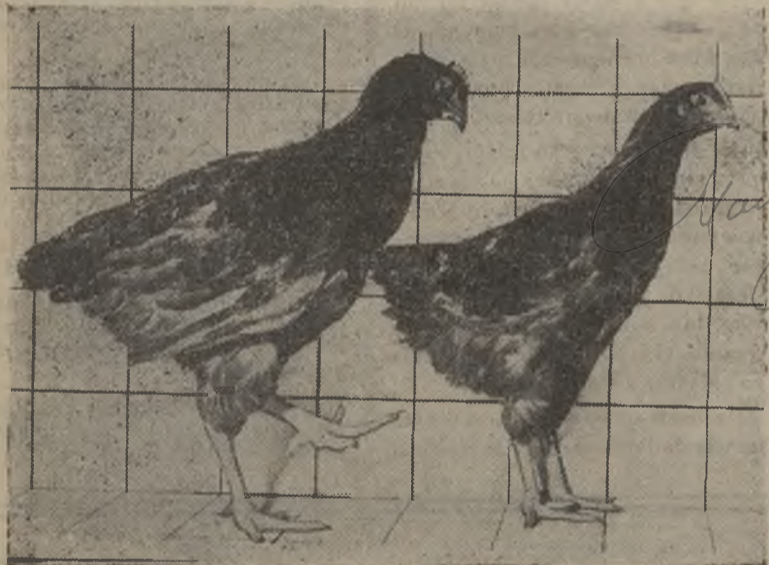
Com a colaboração graciosa da União Fabril Farmacêutica (UNIFA)

Cuide das suas galinhas

Uma reunião europeia aprova os antibióticos na alimentação animal

terra, revelou que tinha compilado dados referentes a 135 experiências efectuadas na Grã-Bretanha. Tomadas em conjunto estas experiências, sem consideração pela classe ou dose de antibiótico empregado, ou pelo tipo do regime, a resposta comum dos animais ao tratamento com antibióticos foi 10,64 por cento de aumento de peso e 6,24 por cento de melhoria no aproveitamento dos alimentos. Não se registaram efeitos nocivos atribuíveis aos antibióticos.

comprovado recentemente o mérito de um antibiótico de amplo espectro antimicrobiano, para manter sob controle surtos da doença dos frangos conhecida pelos nomes vários de crista azul, moléstia do verão, doença X, peste dos galinheiros, hepatonefrose, nefrite dos galináceos, mononucleose renal, toxemia das galinhas, monocitose das aves. (O leitor decidirá). Administrou-se às aves doentes uma dose aproximada de 100 gramas do antibiótico por tonelada de



Sob as condições actuais, na conclusão do Dr. Braude, «os antibióticos demonstraram de maneira terminante a sua alta eficácia para a engorda de suínos».

Resultados semelhantes, obtidos em experiências efectuadas em seus respectivos países, foram indicados pelos Drs. Sam Nordfeldt, da Estação Nacional de Zootecnia Experimental, de Upsala, Suécia, e Hjalmar Clausen, do Instituto Nacional de Investigações Zootécnicas, de Copenhague, Dinamarca.

O Dr. W. M. McKay, da Grã-Bretanha, fez uma apreciação do valor dos antibióticos na alimentação dos galináceos. Em suas experiências, declarou ele, os perus responderam geralmente melhor do que as galinhas, provavelmente devido à vulnerabilidade peculiar dos pintos de peru. Os franguinhos, no entanto, responderam bem, e os antibióticos vieram prestar um grande serviço à criação comercial de frangos para consumo de carne. Os patos não responderam absolutamente, e os gansos não acusaram respostas consistentes.

Nos galinheiros são, e em doses normais, os antibióticos não afectaram a produção de ovos. Mas, se as aves eram mantidas em más condições, como seja num ambiente de intensa contaminação por bactérias, ou se existia uma doença, então, os antibióticos exerceram sua acção benéfica. O Dr. McKay acrescentou que havia

penso, durante dois ou três dias; e depois dessa dose, outra de 36 gramas por tonelada. Desta maneira se erradicou a doença, e a postura estava normalizada em uns dez dias. Os antibióticos se mostraram também de grande valor no tratamento da sinusite dos perus.

Três investigadores noruegueses, Knut Breirem, Harold Hvidsten Johanne Hoie, apresentaram em sua comunicação algumas conclusões gerais sobre o emprego de antibióticos na alimentação dos animais. Extensos estudos praticados desde 1949, indicam, segundo eles, que os antibióticos estimulam o crescimento, mas é conveniente em geral continuar a usá-los até que as aves e porcos estejam prontos para o benefício. Nada se ganha com administrar antibióticos a animais adultos, tais como galinhas poedeiras, varrascos e vacas leiteiras.

Pode esperar-se um aumento médio de 10 a 15 por cento no peso dos frangos e dos porcos, e um pouco mais nos bezerros, mas isto com variações consideráveis. Os melhores resultados são alcançados ali onde os animais são mantidos sob condições sanitárias deficientes, ou alimentados com rações mal equilibradas. Junto com um aumento de peso, melhora em geral a utilização dos alimentos, atingindo esta melhoria, uma média de 5 a 10 por cento; mas também com variações notáveis.

A PFIZER apresenta...

«Maiores lucros na criação de porcos»

A Ciência, que tão grande desenvolvimento imprimiu à Medicina Humana, permite agora abranger novos Horizontes no campo da criação animal.

A Terramicina, descoberta maravilhosa do nosso Século, que tanto tem defendido a saúde do Homem, estende actualmente a sua protecção aos animais, tornando-os mais saudáveis, debelando a propagação do contágio de doenças e acelerando-lhes o crescimento.

A Terramicina mostra como o Departamento de Investigações Científicas da Pfizer orientou as suas pesquisas no sentido do melhor aproveitamento das propriedades nutritivas, preventivas e curativas daquele antibiótico, permitindo desta forma, aos criadores de porcos, a obtenção de maiores lucros, protegendo os animais desde o nascimento, ao longo do período de crescimento e engorda... até que são levados para o mercado.

A eficiência alimentar da Terramicina, poupando toneladas de ração, ficou demonstrada de maneira inegável, pelo testemunho de muitos criadores, Escolas Agrícolas e Estações Experimentais.

Em 1950, várias experiências efectuadas com galinhas, demonstraram que a adição de Terramicina aos alimentos dados àquelas aves, promovia um mais rápido crescimento, notando-se, a par disso, uma notável melhoria no estado de saúde.

Pouco tempo depois, os Cientistas experimentaram aquelas drogas maravilhosas em porcos, tendo concluído que o seu efeito, nestes animais, era idêntico ao obtido com as galinhas.

Numa destas experiências separaram-se as ninhadas com 8 semanas, em dois grupos, ambos recebendo rações de boa qualidade, mas a uma delas juntou-se 15 grs. de TM 3 mais 3 por cada 10 kgs. de ração.

Ao fim de 8 semanas após o desmame, o exame dos animais mostrou ser manifesta a diferença de peso. A Terramicina favorecendo as bactérias não patogénicas, capazes de sintetizarem factores de

crescimento ainda desconhecidos, estimula o apetite que, em parte, concorre para a diferença de peso observada.

A Terramicina não se fez esperar com os seus efeitos benéficos, efeitos estes que se vão repetindo ao longo do ciclo de vida do animal.

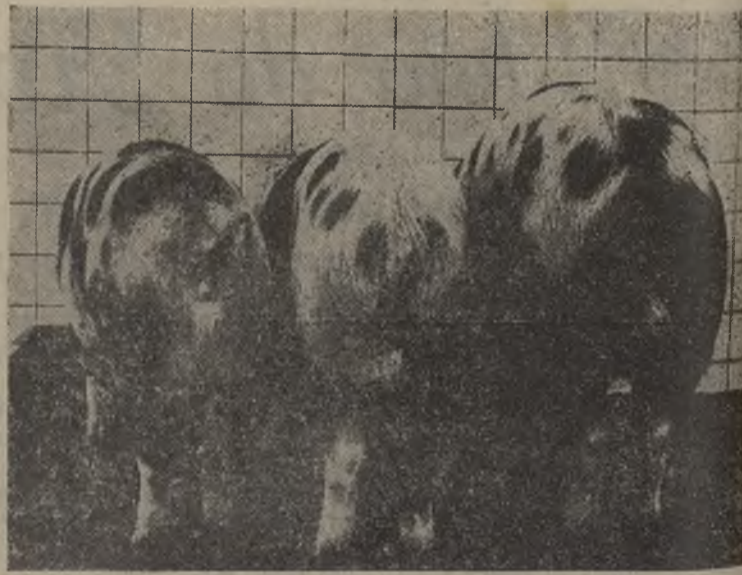
Desta forma a Terramicina, económico integrador alimentar, vela pela defesa e pelo potenciamento do património zootécnico.

Assim, pesando-se um dos porcos do grupo que não tinha sido prevenido com o TM 3 mais 3 e, seguidamente, um dos animais suplementados com aquele antibiótico, verificou-se uma diferença de peso, tão apreciável que a simples observação das pocilgas é suficiente para convencer os mais incrédulos.

Aquela adição de 15 grs. de TM 3 mais 3 por cada 10 kgs. de ração tinham incitado de tal forma o crescimento dos animais que estes atingiram o peso para o mercado muito mais cedo, o que antecipou 17 dias a sua venda...

...menos 17 dias de trabalho
...17 dias menos de riscos
...além dos 70 kgs. de ração que se pouparam em média, devido à eficiência alimentar da Terramicina.

Concluindo: — Um porco normal consome muito menos quantidade de alimentos se a estes adicionarmos Terramicina, que transforma cada sacco de ração em carne mais sólida e mais abundante.



Se aliarmos os lucros que se obtêm devido a esta economia de ração, ao facto de que, por vezes, os diversos alimentos que enriquecem uma ração escasseiam, prestaremos melhor o nosso reconhecimento à Terramicina.

A PFIZER, a maior produtora mundial de antibióticos, merece tanto a aceitação do Governo Americano pelas suas magníficas Instalações, onde trabalham alguns dos mais destacados cientistas, que é constantemente visitada por estudantes que aí vão colher os mais

modernos ensinamentos relativos à nutrição animal. E' o que podemos ver na presente imagem em que o Dr. Herbert Luther explica aos rapazes que o rodeiam como obter maiores lucros na criação dos porcos.

E' opinião deste mestre que uma beberagem contendo 37 grs. de TM 3 mais 3 por cada 10 kgs. de alimentos é um óptimo alimento inicial, sempre indispensável na criação dos suínos.

Deste modo diminuem-se consideravelmente os 30% de animais que nunca chegam ao mercado.

A importância daquela beberagem é enorme, pois que a porca só consegue amamentar os leitões em crescimento sadio durante as 3 primeiras semanas. Um gráfico feito recentemente mostra as curvas relativas ao fornecimento de leite e à necessidade alimentar, acompanhando-se até às 3 semanas, período a partir do qual se separam por diminuir a lactação e aumentar aquela necessidade.

Por este motivo no Centro de Pesquisas da Pfizer os leitões são retirados à porca quando atingem uma semana e alimentados com beberagem a que já nos referimos e com alguns alimentos colocados nos comedouros, donde só eles podem servir-se.

Ao fim de 4 semanas, a beberagem é, por seu turno, substituída completamente por alimentos e água.

Aqui a adição de Terramicina, além do seu papel nutritivo, faz

praticamente desaparecer o índice de mortalidade.

Numerosos lavradores, adoptando este sistema, conseguem em 5 meses porcos com, aproximadamente, 105 kg. de peso, tendo gasto, apenas, 350 kgs. de ração.

Diarreias e muita doenças em geral têm sido debeladas nos suínos devido ao efeito salutar da Terramicina. Evidentemente que este antibiótico não cura todas as doenças, nem substitui a higiene

(Continua na página 7)